

FRANKENSTEIN: O MONSTRO VERDE DO CINEMA E SUA ORIGEM LITERÁRIA

Data de aceite: 01/07/2024

Carla Cristine Pereira Martins Pinheiro

Graduada em Letras-Inglês e Literaturas de Língua Inglesa na Universidade Candido Mendes

Renata Duarte Nascimento

Graduada em Letras-Inglês e Literaturas de Língua Inglesa na Universidade Candido Mendes

Douglas Lemos Monteiro dos Santos

Professor e coordenador na Universidade Cândido Mendes e Mestre em Planejamento Regional de Gestão de Cidades (UCAM)

RESUMO: Este artigo reflete sobre a transcodificação semiótica do Monstro de Frankenstein, de Mary Shelley, para as telas de cinema, após mais de um século de publicação do romance no Reino Unido. Além da literatura anglófona, as análises incluem a adaptação cinematográfica produzida pela Universal Studios, dirigida por James Whale em 1931, e outras representações inspiradas nas imagens do monstro, tanto no cinema quanto na literatura. Para relembrar a criatura apresentada ao público pela literatura de ficção científica do século XIX, o artigo pretende estabelecer um diálogo

com a sua representação cinematográfica. O objetivo é estudar os contextos em que essas adaptações foram inseridas, os processos de criação e representação dos monstros, a recepção pública e o impacto nas sociedades de diferentes épocas. Esta exploração ajuda a compreender como a criatura de Shelley se distanciou significativamente de sua complexidade inicial e nuances psicológicas ao longo dos anos, evoluindo principalmente para um símbolo caricaturado de terror e medo. Esta transformação pouco se assemelha ao personagem imaginado pela jovem escritora no século XIX, mesmo com a tentativa de reviver esta criatura literária em 1994 pelo cineasta Kenneth Branagh, pela Tristar Pictures, a mudança fundamental na sua representação permanece evidente.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema. Literatura. Frankenstein. Monstro. Transcodificação Semiótica.

FRANKENSTEIN: THE GREEN MONSTER OF CINEMA AND ITS LITERARY ORIGIN

ABSTRACT: This article reflects on the semiotic transcoding of Mary Shelley's Frankenstein's Monster onto cinema screens after more than a century of the novel's publication in the United Kingdom. In addition to Anglophone literature, the analyses include the film adaptation produced by Universal Studios, directed by James Whale in 1931, and other representations inspired by the monster's images, both in cinema and literature. To recall the creature introduced to the public by 19th-century science fiction literature, the article aims to establish a dialogue with its cinematic representation. The goal is to study the contexts in which these adaptations were embedded, the processes of creating and portraying the monsters, public reception, and the impact on societies across different eras. This exploration helps understand how Shelley's creature has significantly distanced itself from its initial complexity and psychological nuances over the years, evolving primarily into a caricatured symbol of terror and fear. This transformation bears little resemblance to the character envisioned by the young writer in the 19th century. Despite an attempt to revive this literary creature in 1994 by filmmaker Kenneth Branagh, by Tristar Pictures, the fundamental shift in its portrayal remains evident.

KEYWORDS: Cinema. Literature. Frankenstein. Monster. Semiotic Transcoding.

INTRODUÇÃO

É evidente que, quando se ouve o nome “Frankenstein” a figura em que automaticamente se pensa é a do monstro verde, alto, murmurante, cheio de cicatrizes e parafusos aparentes, que é lento e notavelmente pouco dotado de inteligência. Isso acontece porque essa imagem, que foi criada para o cinema em 1931, é a representação da criatura de Frankenstein que alcançou tanta fama a ponto de ter se tornado o que muitos acreditam ser a original. Há inclusive quem não tenha o conhecimento de que existem diferenças entre a representação da personagem no cinema e a imagem original da obra literária de Mary Shelley.

Frankenstein é um ícone mundialmente famoso, que teve sua origem no século XIX, mais precisamente em 1818, quando o romance homônimo escrito pela autora britânica Mary Wollstonecraft Godwin foi publicado. Trata-se de um marco literário na história do romance gótico inglês, pois contém características que possibilitaram a renovação desse gênero, e é considerado por muitos críticos literários como o primeiro título de ficção científica. Nela, conta-se a história do jovem cientista Victor Frankenstein que, inspirado por registros de antigos pesquisadores e movido pela intenção de dominar a centelha de vida com o objetivo de ser capaz de infundir vida em um corpo inanimado, começa sua trajetória acreditando que seria o responsável pela criação de uma nova espécie humana. Todavia, os acontecimentos tomam um rumo diferente do previsto pelo pesquisador no início de seu empreendimento.

A adaptação de Frankenstein, lançada para o público em 1931, cem anos após a última edição revisada por Mary Shelley ter sido publicada, não foi a primeira representação do monstro, porém tornou-se a mais famosa. Na década de 1930, os Estados Unidos promoveram a ascensão da arte cinematográfica e muitos autores tiveram suas histórias adaptadas para as telas. Essa era a principal forma de disseminar a cultura norte-americana em um mundo marcado por conflitos e importantes transformações. Tais mudanças colaboraram para a propagação dessa fonte de entretenimento. O filme em questão foi introduzido durante o período da Grande Depressão, advinda dos reflexos da crise econômica nos EUA, e mesmo em um momento difícil, obteve sucesso e ditou a aparência do monstro conhecido até hoje e também impulsionou a Era Monstros da Warner Brothers. Nessa adaptação, a criatura foi representada de maneira criativa e um pouco caricata, conservando traços da essência original, porém tendo sua aparência física bastante transformada e suas nuances de personalidade drasticamente atenuadas em comparação à personagem de origem literária.

A maneira como a figura verde fabricada e difundida pelos Studios Warner se eternizou, promovendo a substituição da original, desperta o interesse em debater, no trabalho que ora se apresenta, sobre a transcodificação semiótica do monstro de Frankenstein (de Mary Shelley) e a consolidação e propagação de sua imagem reimaginada, além de seus reflexos na cultura ocidental.

É de grande relevância abordar o momento em que o monstro foi recriado e quais foram os aspectos contribuintes para o sucesso do filme, de maneira a sobrepor a imagem literária, ficando assim estabelecida como a representação mais marcante do monstro, apesar de se distanciar tanto da original concebida por Mary Shelley em 1818. Para isso, esta pesquisa analisa os seguintes questionamentos:

- a. por que Frankenstein é uma história relevante e como a construção desse romance marcou a literatura inglesa do século XIX, firmando sua grande importância até os dias atuais?
- b. quais características do monstro de Frankenstein foram apagadas pelo universo fílmico e de que forma isso alavancou o sucesso da personagem originalmente literária, porém desta vez em um novo formato, o audiovisual?
- c. socialmente falando, embora o cinema tenha ajudado a consolidar uma figura importante ao mundo anglófono, quais os reflexos dessa consagração do “monstro caricato” na cultura ocidental e por que é preciso recriar Frankenstein?

Expondo tais diferenças e destacando os motivos que levaram a sétima arte a mudar a imagem do monstro e explorando os fatores que favoreceram sua perpetuação, espera-se que seja possível contribuir para melhor entendimento do fenômeno de sucesso que é essa criatura, ressaltando as colaborações trazidas pela filmagem, eternizando esse mito em diferentes culturas. A presente pesquisa busca analisar as representações tanto literária

quanto fílmicas do monstro de Frankenstein e estudar o motivo pelo qual a adaptação apresentada ao público quase um século depois, tomou conta do imaginário popular acerca da criatura. Assim, contribui-se para demais análises sobre releituras cinematográficas baseadas na literatura e suas possíveis motivações para alterar ou imprimir novas visões sobre personagens. Estas autoras conservam profundo respeito e admiração pelo livro e pela autora em questão e reconhecem a importância da adaptação cinematográfica para a fama e a cristalização do personagem.

O objetivo geral deste trabalho é perscrutar as diferenças entre as representações da personagem, lembrando a origem do monstro de Frankenstein que, apesar de ter sido recriado no cinema a partir da história de Shelley, é uma criatura diferente e não representa fielmente a original.

Este artigo encontra-se dividido em três seções de desenvolvimento. A primeira trata da contextualização literária, levando em conta as impressões pessoais da autora e trazendo comparativos entre vida pessoal e seus trabalhos. A segunda cuida da adaptação fílmica de 1931, abordando o surgimento do monstro verde e traçando um paralelo entre ela e a versão de 1994. A última versa sobre as influências e a importância desse mito na cultura ocidental e suas demais releituras a partir da imagem verde. Após seguem-se as Considerações Finais e Referências.

MARY SHELLEY: UMA PIONEIRA LITERÁRIA E SEU LEGADO DURADOURO

A importância de Mary Shelley para a literatura anglófona é indiscutível. Com seu talento e ideias disruptivas, deixou sua marca no mundo através de grandes contribuições literárias. Suas obras que transcendem o tempo fizeram dela uma mulher que inspira diversos artistas até os dias atuais. A habilidade em explorar temas profundos e seu legado como uma das primeiras autoras de ficção científica, conferem a ela um lugar de destaque na história da literatura como uma importante figura feminina, autora influente e visionária.

Mary Shelley: uma breve biografia

Mary Wollstonecraft Shelley é uma escritora renomada no cânone literário, reconhecida principalmente por seu trabalho inovador, “Frankenstein; ou, o Moderno Prometeu”. No entanto, suas contribuições à Literatura ultrapassam os limites desse romance. Nascida em 30 de agosto de 1797, em Londres, a autora teve sua vida marcada por tragédias pessoais, exploração intelectual e, surpreendentemente, um profundo impacto nas tradições literárias e nos estilos romântico e gótico.

Era filha de Mary Wollstonecraft, uma personalidade de grande importância para o feminismo e autora de “A Vindication of the Rights of Woman”, e William Godwin, um filósofo e romancista, cujas inclinações intelectuais e liberais foram responsáveis por

moldar significativamente a sua educação, promovendo um ambiente de curiosidade intelectual e pensamento livre, que posteriormente renderam a ela grande amadurecimento diante algumas dificuldades que enfrentou por cultivar tais pensamentos e comportamentos (ALEGRETTE, 2010).

Tragicamente, sua mãe morreu dez dias após seu nascimento e ela foi criada pelo pai e pela madrasta. Enquanto crescia, ela pôde conviver com importantes nomes da poesia e do romance inglês, como Samuel Taylor Coleridge, que era amigo de seu pai. A adolescência de Mary Shelley foi marcada por desafios pessoais, incluindo a sua fuga com o poeta romântico Percy Bysshe Shelley aos 16 anos. Essa união causou grande escândalo na sociedade, uma vez que seu companheiro já era casado e pai de uma menina. Foi um momento de grande preparo para uma vida difícil, mas também de inovação e autoconhecimento à medida que ela embarcava na sua jornada, se descobria como escritora e tentava encontrar seu lugar no mundo (GORDON, 2020).

Durante os anos seguintes, os escritores enfrentam dificuldades financeiras, a falta de apoio dos familiares que os renegaram e as tragédias que recaíram sobre eles. Contaram também com novas amizades, novas influências e persistiram em levar a chama ardente que carregavam adiante. Sendo ainda muito jovens, viviam intensamente sua arte e lutavam contra todo tipo de preconceito pelos quais passaram. Percy Shelley era um grande admirador da obra dos pais de Mary e, assim como ela, possuía ideais liberais de relacionamento, o que acarretaria nessa exclusão que os dois viveram (GORDON, 2020).

É importante destacar também o fato de que Mary foi considerada por um tempo como uma autora “menor”, vivendo à sombra do marido. No momento em que a primeira edição de “Frankenstein; ou o Moderno Prometeu” foi a público, houve dúvidas sobre quem estaria por trás da obra. Considerando o fato de que o prefácio fora escrito por Percy, e que mulheres não eram comumente publicadas, o romance inicialmente anônimo foi facilmente atribuído ao poeta, como relembra Guimarães (2018), já que a sociedade não conseguia conceber a ideia de que uma jovem menina de apenas 19 anos havia tido criatividade, habilidade e até mesmo experiências suficientes para escrever o livro, que moralmente ia de encontro com o que os padrões da época consideravam cabíveis ao lugar em que uma mulher deveria estar.

Mary teve a vida marcada por perdas e abandonos, e todas essas experiências tiveram valor contributivo para a excelente história. A autora deixa evidentes seus sentimentos quanto às pessoas próximas e também quanto à sociedade através da sua escrita. Pode-se dizer que, sentindo-se rodeada de “monstros” que a faziam pensar que ela se assemelhava a um, Mary tenha encontrado na escrita a sua maneira de expor os pensamentos mais íntimos e seus próprios questionamentos acerca de tudo que vivera, talvez até em busca de si mesma. Nesse sentido, verifica-se que:

A verdade é que Mary Shelley só procurou ser ela própria, lutando por libertar-se de todos os “monstros” que a perseguiram e, em parte, se apropriaram da sua própria vida e identidade: o monstro do pai, o monstro da mãe, o monstro do marido, o monstro dos escândalos que encheram a sua vida, assim como dos monstros do criador e da criatura que ela mesma criou em Frankenstein (GUIMARÃES, 2018).

As contribuições de Mary Shelley para a literatura ultrapassam “Frankenstein”. Ela escreveu vários romances, contos e ensaios, mostrando sua versatilidade como escritora. Suas obras frequentemente exploram temas do sobrenatural, da psique humana e da justiça social. Além de suas realizações literárias, sua vida foi caracterizada pela resiliência diante das adversidades. Ela enfrentou a morte de três de seus quatro filhos e de seu marido, que faleceu ainda muito jovem e, apesar dessas profundas perdas, ela continuou a escrever e a se envolver com as questões intelectuais e sociais de seu tempo.

A vida e a obra dessa autora continuam a ser um testemunho do poder duradouro da literatura e do espírito humano. Sua abordagem inovadora para contar histórias, especialmente em “Frankenstein”, abriu caminho para o desenvolvimento do gênero de ficção científica e sua exploração de temas atemporais continua a cativar e desafiar os leitores de hoje. Além das suas contribuições literárias, a história de Shelley é um lembrete do impacto que um indivíduo pode ter no mundo através da criatividade, perseverança e curiosidade intelectual.

O nascimento do monstro

O legado mais duradouro de Mary Shelley é, sem dúvidas, seu romance “Frankenstein”. Trata-se de uma história de um jovem à frente do seu tempo que cria um ser vivo por meio de experimentos não convencionais. Esse é frequentemente considerado o primeiro romance de ficção científica. Explora temas da ambição humana, das consequências dos avanços ocorridos no começo do século XIX e do isolamento do indivíduo.

O romance foi concebido durante uma estada de verão na Suíça, onde Mary Shelley, Percy Bysshe Shelley, Lord Byron e John Polidori criaram um desafio para escrever a melhor história de fantasmas para passar o tempo e sanar o tédio dos dias atipicamente chuvosos, como a própria Mary Shelley conta no prefácio de Frankenstein (SHELLEY, 2017). A criação de Mary emergiu como a mais duradoura e influente dessas obras literárias. A estrutura narrativa em camadas do romance, os elementos góticos, os temas filosóficos profundos e sua exploração da condição humana cativam leitores por gerações.

A então jovem autora passou por muitas perdas, sendo a primeira e mais significativa a de sua mãe, a feminista Mary Wollstonecraft. Shelley fora alfabetizada visitando seu túmulo e a primeira palavra que conseguiu ler foi o nome de sua mãe cravado na lápide. O cemitério proporcionava-lhe acolhimento; desta maneira, a jovem se sentia mais à vontade do que em sua própria casa, onde ela estaria longe de ser a favorita. Desde a infância,

percebe-se que se trata de uma pessoa não convencional. Ademais, Mary visitou um castelo na Alemanha cujo proprietário, Johann Conrad Dippel, era um alquimista conhecido por realizar experiências e estudos com cadáveres, tentando até reanimá-los. Acredita-se que todos esses fatores contribuíram para fomentar a imaginação de Mary Shelley e ditaram o tom macabro para a criação do romance em questão (FARIA, 2023).

No século XIX, o desenvolvimento científico estava em ascensão e, como consequência, a Revolução Industrial mostrava o melhor e o pior da sociedade europeia. Por um lado, há a valorização da inteligência e das capacidades humanas, ideias tipicamente iluministas, e, por outro lado, observam-se os dilemas e conflitos sobre até onde pode-se avançar e manipular seres vivos enquanto exploradores e pesquisadores. Dessa forma, Mary distanciou-se do Iluminismo e foi considerada uma das precursoras do Romantismo, uma vez que esse conflito interno entre razão, emoção e consciência está presente em seus trabalhos.

Em uma noite, teria participado como ouvinte em uma conversa entre Percy Shelley e Lord Byron. Eles versavam entusiasmados sobre a ideia de que impulsos elétricos seriam capazes de ativar os músculos de seres mortos. O recente galvanismo era um tema recorrente nas conversas acerca do desenvolvimento científico. Mary e Percy ficaram hospedados com Lord Byron e outros escritores em um período em que o clima da Europa estava mais sombrio e macabro do que o comum devido a graves incidentes meteorológicos. Por essa razão, Lord Byron e seus hóspedes começaram a criar histórias sombrias sobre fantasmas e criaturas sobrenaturais (FARIA, 2023). Um interessante fato é que o romance “O Vampiro”, de John William Polidori, também surgiu nessa mesma ocasião. A autora teve a inspiração para escrever a história durante um sonho. Mary passava pelo luto recente de sua primeira filha, falecida ainda bebê pois seu nascimento foi prematuro e ela possuía saúde frágil, assim como sugerem cartas da própria para seu amigo Hogg. Trechos dessas cartas podem ser encontradas em biografias póstumas da autora, onde ela confessa estar sonhando com sua bebê de volta a vida, como se vê em Gordon (2020). O momento difícil e o desafio de escrita somados às discussões de Percy e Byron influenciaram o imaginário de Mary e, então, ela teve o sonho que serviu de grande inspiração para a criação da história.

No prefácio da edição de 1831, escrito por Shelley, há a descrição do seu sonho:

Vi - com os olhos fechados, mas em uma imagem mental aguçada - o pálido estudioso das artes profanas ajoelhado atrás da coisa que agregara. Vi o terrível espectro de um homem esticado e, então, por obra de um mecanismo potente, observei-o mostrar sinais de vida e agitar-se em um movimento desajeitado, quase vivo. Assustador; porém, supremamente mais apavorante seria o efeito de qualquer esforço humano de escarnecer do estupendo mecanismo do Criador do mundo (SHELLEY, 2017 [1831], p. 28).

Para além das questões pessoais já citadas, ainda podem-se destacar algumas semelhanças entre personagem e vida da escritora. Olhando atentamente para a forma como Mary Shelley enxergava sua falecida mãe, entende-se que Mary Wollstonecraft tornou-se uma espécie de mito para sua filha. Shelley agarrou-se ao legado deixado pela mãe, recebendo ainda o mesmo nome de batismo.

Frankenstein tornou-se um mito alcançando uma fama imensurável a tal ponto que se observa o fato de que a criatura é conhecida, porém sua autoria ficaria em segundo plano, já que a obra usurpa o nome da autora, como afirma Guimarães (2018). Assim sendo, é possível estender esse pensamento e sugerir que, assim como a criatura em seu livro, Mary Shelley usurpa o nome de sua mãe.

Quando Mary decidiu fugir com Percy, diante do escândalo gerado por essa situação, foram renegados pelas famílias, e Mary foi difamada pela madrasta, o que lhe causou grande tristeza. A então adolescente não estaria bem por magoar seu pai e temia que a partir dali não estaria mais sob seus cuidados, pois todas as suas lembranças apontavam para o desejo de que seu pai a amasse mais do que Mary Jane, consoante comenta Gordon (2020, p. 123). Pode-se observar aqui que existem semelhanças entre ela e o monstro, quando se fala em sentimentos de rejeição e abandono.

Em grande parte do romance, é possível sentir a dor do monstro causada pelo abandono de seu criador, pela rejeição que sofreu de outros personagens e por ter enfrentado conflitos internos sozinho, sem amparo, sem compaixão, sem amor (VASCONCELOS, 2020). Pode-se sugerir que, assim como o monstro, Mary carregava consigo inúmeras cicatrizes emocionais causadas pelo luto, pela rejeição e pela culpa de ser diferente. E assim como ele, teria sido formada por partes de pessoas mortas. Nesse caso, as lembranças, a saudade, a ausência, os gostos e os talentos simbolizam os membros que formam o monstro.

É inegável que todos os fatos de sua vida até o momento culminaram na criação de um monstro cheio de nuances psíquicas que fazem com que o leitor reflita sobre questões tão relevantes, como a ética na prática científica, o avanço tecnológico e as consequências do isolamento e abandono social daquele que é diferente dos demais. Todas essas reflexões dão à obra Frankenstein um caráter único e atemporal.

Frankenstein através dos séculos

“Frankenstein” é uma obra-prima literária que deixou uma marca indelével no mundo da literatura e da cultura popular. Esse romance continua a cativar leitores e estudiosos por mais de dois séculos. A sua importância duradoura está enraizada na exploração de temas profundos, na sua contribuição para a tradição gótica e nas suas reflexões sobre as implicações éticas e morais da inovação científica.

A primeira publicação do livro ocorreu em 1818, a tiragem teve o número de 500 cópias que rapidamente se esgotaram. Em 1823, já com algumas mudanças da autora, a segunda edição teria sido lançada; neste mesmo ano, William Godwin teria feito uma segunda tiragem de 200 cópias. Somente em 1831, a terceira e última versão chegaria com revisões, alterações e um prefácio todo escrito pela autora, como explica Brito (2016).

Esse é um romance rico em temas instigantes que permanecem relevantes para a sociedade contemporânea. O assunto mais notável é a relação entre ciência e humanidade. A história da criação do monstro por Victor Frankenstein serve como um conto de advertência, destacando as consequências da ambição científica desenfreada, levantando questões críticas sobre os limites éticos da experimentação e a responsabilidade dos cientistas pelas suas criações. O romance também investiga temas de isolamento, abandono, alienação e a busca humana por identidade, pois a criatura rejeitada e abandonada pelo seu criador e pela sociedade reflete a perene luta humana pela aceitação e necessidade de pertencimento. A exploração desses temas por Mary Shelley permite que os leitores reflitam sobre as consequências dos preconceitos sociais e a importância da empatia e da compaixão.

A criação de um personagem monstruoso e ao mesmo tempo simpático na forma da criatura lançou as bases para muitas obras subsequentes de ficção gótica. Os cenários misteriosos e atmosféricos do romance, bem como a exploração dos aspectos mais sombrios da psique humana, influenciaram inúmeros escritores e cineastas. Os elementos góticos do romance também permitem aos leitores confrontarem os seus medos e ansiedades. A popularidade duradoura da literatura gótica, em parte devida a “Frankenstein”, demonstra o fascínio pelo macabro, pelo grotesco e pelo desconhecido na literatura.

O enredo induz os leitores a enfrentarem profundas questões éticas e morais a partir da jornada da criação do monstro, passando pelo seu sofrimento subsequente e os dilemas morais enfrentados por Victor Frankenstein e pela criatura. Por outro lado, os desafiam também a considerarem as implicações dos avanços científicos, a dor da criatura e a culpa do criador. O romance ainda levanta questões sobre as consequências da ambição humana e ressalta a responsabilidade que acompanha a descoberta científica. Esse tema em paralelo flerta com as questões pessoais das relações entre pais e filhos, ajudando a compor uma análise sobre as interações humanas e suas fragilidades e também de seus reflexos na sociedade.

O MONSTRO E SUA TRAJETÓRIA

Muito já se estudou sobre a relação entre obras literárias e a sétima arte. Conforme as novas tecnologias avançam, tem-se a necessidade de imprimir novas visões de mundo seja no papel ou para as grandes telas. A adaptação de obras literárias para o cinema permite colocar histórias em outro formato, mais acessível para público, já que não requer um conhecimento prévio como o de saber ler, tornando-se mais abrangente. Muitas vezes, ao transferir um trabalho literário para o formato fílmico, é necessário reescrever ou alterar tais narrativas levando-se em consideração as necessidades de cada momento histórico, o público-alvo e a mensagem a ser propagada.

Partindo-se do prefácio da edição de 1831 a fim de que seja possível entender as motivações e intenções de Shelley ao criar o seu monstro, pode-se citar que ela gostaria de apresentar uma história que provocasse no leitor um sentimento completamente novo, como descreve em:

Ocupei-me em pensar uma história - uma história que rivalize com aquelas que nos incitaram a tal tarefa. Uma que falasse aos medos misteriosos de nossa natureza e despertasse um horror eletrizante - uma história que fizesse o leitor olhar ao redor apavorado, que fizesse o sangue gelar e acelerasse o pulsar do coração (SHELLEY, 2017 [1831], prefácio).

Em contrapartida à intenção de Shelley, o cinema busca não apenas aterrorizar os espectadores, mas também amenizar os ânimos e entreter. A adaptação escapa do gênio criador. A potência atribuída a ela gera outros resultados ao passo que se produzem interpretações próprias e experimenta-se a obra. As versões de histórias contadas no cinema podem repetir alguns dos aspectos da literatura somados a variações cabíveis à linguagem fílmica. Cabe aos diretores a possibilidade de explorar potencialmente em diferentes graus as narrativas que o texto original oferece e, com isso, pode ocorrer o apagamento de sentidos e detalhes, como afirmam Nunes e Silva (2019). Assim sendo, pode-se afirmar que as duas artes têm suas devidas intenções e que uma pode complementar a outra, de maneira a contribuir alavancando seu sucesso e aumentando o alcance diante do olhar inclusivo, abrangente e único de cada uma.

Características literárias do monstro de Frankenstein

A descrição vívida e assustadora da criatura concebida por Victor Frankenstein no romance de Mary Shelley cativou leitores durante séculos, em parte sendo responsável por manter vivas as indagações pessoais dos leitores acerca de suas dores e por promover certa identificação com os dilemas pessoais e morais. A representação do monstro de Frankenstein, vista pelos aspectos físicos, emocionais e simbólicos do personagem apresentado no romance, é de profunda importância para que se entenda o sucesso dessa obra-prima.

Mary Shelley oferece uma descrição física detalhada, enfatizando a imensa força e tamanho da criatura. Suas feições, inicialmente descritas como belas, tornam-se cada vez mais distorcidas conforme ele vivencia o sofrimento e a rejeição, tornando-o uma figura assustadora. Muitas vezes é retratado como um ser alto e grotesco, com pele amarelada, cabelos pretos esvoaçantes e olhos lacrimejantes e descoloridos. No capítulo V, lê-se que:

Seus membros eram proporcionados e escolhera belas feições. Belas! Bom Deus! Sua pele amarelada mal cobria o contorno dos músculos e das artérias que apareciam por baixo; seus cabelos eram de um preto lustroso e ondulante, os dentes possuíam uma alvura perolada, mas essas exuberâncias só faziam um contraste mais horrendo ainda com os olhos úmidos que pareciam se diluir nas cavidades em que jaziam, sua compleição ressequida e os lábios retílineos, enegrecidos (SHELLEY, 2017 [1831], p. 75).

As experiências emocionais do monstro são cruciais para a compreensão de seu personagem. Desde os primeiros momentos de vida é rejeitado e isolado, o que o leva a uma profunda solidão e ao desejo de companheirismo. Shelley transmite a complexa gama emocional da criatura, desde o desejo de aceitação até sentimentos de raiva e vingança. Suas interações com os humanos e seu criador, Victor, moldam seu desenvolvimento emocional ao longo do romance. Sandra Vasconcelos (2020) destaca que a criatura condensa a história da humanidade, ao passo que também se assemelha a um bebê que nada conhece sobre o mundo. Ele é quem levanta os questionamentos centrais do romance indagando-se “O que era eu?”. Através da parte narrada pelo personagem, ele revela sua visão de mundo a partir do momento em que é rejeitado pelo seu criador, passando a rastrear todo seu processo de um ser solitário, na tentativa de tornar-se um ser social, em busca de sua identidade.

O monstro de Frankenstein serve como símbolo para vários temas e ideias além do romance. Ele representa as consequências da ambição científica exagerada, já que a criação de Victor acaba por levar à tragédia. A personagem também encarna o tema da alienação e as consequências da rejeição na sociedade. Sua situação destaca a tendência humana de julgar com base na aparência e não nas qualidades internas. Nesse sentido, ressalta-se o problema ético de responsabilidade (VASCONCELOS, 2020). Após duzentos anos, existem ainda questionamentos que atravessam a história atingindo o núcleo social, como o fato de que a responsabilidade do criador não termina no ato de dar a vida, mas sim permanece na missão de cuidar, instruir, amar e não abandonar o ser que criou, deixando-o sozinho a descobrir o mundo.

Ao passo que a narrativa avança, o personagem sem nome evolui. Ele começa como uma lousa em branco, ansioso para aprender e encontrar seu lugar no mundo. Porém, suas interações com os humanos, que respondem com medo e hostilidade, o transformam em um ser vingativo e amargo. Seu crescimento intelectual e sua busca por companheirismo refletem a complexidade de seu caráter e colocam o amor e a vontade de pertencer no centro do romance. Sobre o exposto, Percy Shelley analisa que:

Nisso consiste a moral desse livro, talvez a mais importante e de aplicação mais universal de qualquer moral que possa ser compelida pelo exemplo. Trate mal uma pessoa e ela se tornará perversa. Retribua o afeto com desprezo: deixe a criatura ser tida, por qualquer motivo, como a escória da espécie; coloque-a à parte, como ser social, da comunidade e lhe imporá obrigações irresistíveis: malevolência e egoísmo. É assim que, muitas vezes, na sociedade, os que são qualificados da melhor maneira para se tornarem benfeitores e ornatos são marcados, por algum acidente, pelo desdém e apenados, por abandono e solidão do coração, como flagelo e maldição (SHELLEY, 1832).

A representação do monstro por Mary Shelley em seu livro é multifacetada e carregada de emoção. A descrição física, as experiências emocionais e o significado simbólico do personagem contribuem para o apelo e relevância duradouros do romance, características essas que foram apagadas pelo cinema em 1931. Através dessa análise, obtém-se uma compreensão mais profunda das complexidades e nuances de uma das criaturas mais icônicas da literatura.

“Frankenstein” no cinema: as versões de 1931 e 1994

O trabalho mais marcante de Mary Shelley foi adaptado para vários filmes ao longo dos anos, cada um oferecendo uma interpretação única da história. Duas releituras notáveis são o clássico “Frankenstein”, de James Whale, de 1931, que ditou a aparência do monstro até os dias atuais, e a versão de 1994, de Kenneth Branagh, “Mary Shelley’s Frankenstein”.

O foco narrativo de “Frankenstein” (1931) centra-se predominantemente no personagem Henry Frankenstein, interpretado por Colin Clive, e em sua ambição de criar vida a partir de partes de corpos mortos. O filme enfatiza as consequências científicas e morais de seu experimento ao retratar o monstro, interpretado por Boris Karloff, como uma figura trágica e incompreendida. Em contraste, a adaptação de Kenneth Branagh coloca uma ênfase mais forte no personagem de Victor Frankenstein, interpretado pelo próprio Branagh. O filme segue de perto a narrativa do romance original e investiga a motivação do personagem, a turbulência interna e os relacionamentos complexos.

A representação dos personagens centrais, principalmente Victor Frankenstein e o monstro, varia significativamente entre os dois filmes. Na versão de 1931, Victor é um cientista motivado cujas intenções são em grande parte equivocadas, mas não inerentemente maliciosas. O monstro é retratado como uma criatura murmurante e lamentável, conquistando a simpatia do público. A personalidade por trás da criação do monstro de pele esverdeada é o maquiador Peter Jackson, responsável também por outras caracterizações dos fenômenos da “Era Monstros”. Primordialmente ele teria a cor da pele acinzentada, com pinos no pescoço, que o próprio Peter fabricou em argila, a cabeça retangular e achatada, com grampos que sugerissem a ideia de que ela poderia ser aberta para que um cérebro fosse inserido (ESSMAN, 2000).

A cor verde utilizada na maquiagem do personagem nos filmes foi adotada após um pedido do diretor de que ele parecesse mais cadavérico. Lembrando que o filme é em preto e branco, o maquiador prontamente utilizou tinta verde para obter o efeito solicitado, consoante Lima (2022). Após os primeiros cartazes oficiais do filme terem sido divulgados (conferir Figuras 1 e 2 a seguir), a imagem verde foi propagada e consolidada no imaginário popular, já que o cartaz colorido chamava atenção do público, revelando detalhes em cores que ajudaram a compor e fixar as percepções acerca dos personagens.



Figura 1 – Pôster do filme Frankenstein

Fonte: Everett Collection (1931)

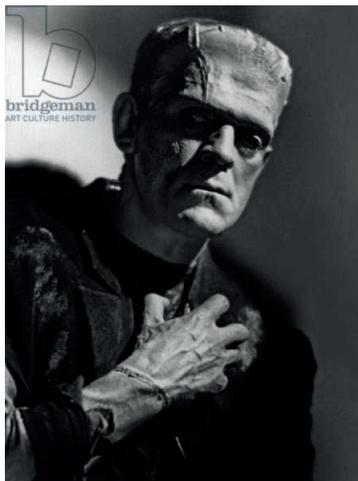


Figura 2 - Boris Karloff como monstro no filme Frankenstein de James Whale

Fonte: Bridgeman Images (1991)

Na adaptação de Branagh, Victor Frankenstein é retratado como um personagem mais complexo e moralmente ambíguo. O filme explora com maior profundidade seu conflito interno e as consequências de suas ações. O monstro, interpretado por Robert De Niro, aprendeu a ler e falar inglês corretamente observando uma família de camponeses, além de ser bastante articulado ao expressar suas queixas e a injustiça feita a ele. É notável uma humanização do personagem e um grau maior de consciência e sentimentalismo.



Figura 3 - Mary Shelley 's Frankenstein

Fonte: Kenneth Branagh (1994)

Ambos os filmes mantêm elementos temáticos centrais do romance de Mary Shelley, como os dilemas morais e éticos da experimentação científica e as consequências de brincar de criador da vida. Porém, a versão de 1931 tende a focar mais no horror e espetáculo da história, enfatizando os aspectos grotescos e trágicos da existência do monstro e servindo como um clássico do gênero terror.

A releitura de Branagh, por outro lado, aprofunda os temas filosóficos e existenciais do livro. Explora temas de arrogância, busca de significado e desejo humano de imortalidade. O filme se alinha aos temas do romance original e serve como uma adaptação mais fiel nesse aspecto. Porém, a criatura verde de 1931 mantém grande evidência pelo fato de distanciar ainda mais o monstro do ser humano, alterando a imagem e até o comportamento do personagem. A exemplo sobre o grotesco, verifica-se que:

Ao representar o ser humano em sua condição mais primitiva, as personagens grotescas se distanciam da ideia de comportamento civilizado. Essa inversão de valores, disforme e obscena, torna as personagens estranhas e ridículas, pois quebra regras básicas de organização social. Essa ponte entre o humano civilizado e sua inexorável condição natural alimenta o incômodo, pertinente ao grotesco. (ROBLE; ARAÚJO, 2016, p. 148-159).

As duas filmagens oferecem experiências cinematográficas distintas, com foco narrativo, representação de personagens e ênfases temáticas variadas. Embora a versão de 1931 continue sendo um clássico do gênero terror, a adaptação de Kenneth Branagh visa fornecer uma representação mais fiel do romance de Mary Shelley, explorando as complexidades filosóficas e morais mais profundas dessa história. Ambos contribuem para a rica gama das adaptações de "Frankenstein", refletindo a evolução das interpretações desse clássico literário atemporal também no cinema.

O MONSTRO CARICATO NA CULTURA OCIDENTAL: RECRIAÇÕES DE FRANKENSTEIN

A sétima arte consolidou a imagem da criatura de Victor Frankenstein como um ser desfigurado e assustador, com parafusos aparentes e pele esverdeada. Foi um dos primeiros monstros das grandes telas e sua aparência, aterrorizante, tornou-se icônica e universal. Tal representação desbotou temas profundos trazidos pela criatura literária, como responsabilidade científica, alienação, busca pelo conhecimento e aceitação. A discussão sobre tais temas, ainda tão relevantes na cultura ocidental, justifica o resgate do monstro proscrito. Mesmo com representações concebidas após o filme de James Whale, sua imagem permanece caricata, inspirando paródias e homenagens em várias formas de mídia, influenciando não somente filmes de terror, mas também comédias e desenhos animados, sem os traços de suas características primordialmente literárias imaginadas pela ainda jovem Mary Shelley.

Em meio à miríade de monstros e criaturas concebidas ao longo dos séculos pela literatura, o personagem destaca-se não apenas nas telonas, mas também em séries, quadrinhos, jogos e diversos outros meios de entretenimento. A sua notoriedade transcende o simples fascínio visual, alcançando uma profundidade que se insere na essência de narrativas diversas. 9 Independentemente do gênero ou ambientação da história, a presença desse personagem é sempre enriquecedora, oferecendo um substrato de reflexões que permeiam tanto a ficção científica quanto outras esferas narrativas.

A reinterpretção de qualquer ícone cultural, seja ele literário ou cinematográfico, carrega alterações relevantes que atendem aos gostos contemporâneos. É inevitável que comparações entre obras literárias e suas representações fílmicas sejam traçadas, porém não é esse o objetivo deste artigo. Foi através dessas releituras que se conhece o monstro hoje, mais de 200 anos após ter sido concebido:

[...] O cinema, portanto, representa um elo com a literatura desde os primeiros anos de sua invenção e desenvolvimento enquanto arte. Duzentos anos após sua primeira publicação, Frankenstein, de Mary Shelley, é mais uma obra transformada pela linguagem fílmica que tem sido adaptada em diversos períodos e culturas desde o advento do cinema (NUNES; SILVA, 2019, p. 138).

Trata-se, então, não de uma crítica à nova representação do monstro oriundo da literatura, que nem nome possuía, mas uma reflexão sobre aparência e essência. Reflete-se sobre como personagens são representados pelos olhos de um autor ou diretor e como o público de diferentes mídias pode se beneficiar ao recriar seus próprios monstros, trazer partes distintas, anexando-as e gerando, a partir disso, uma ideia ou reflexão totalmente pessoal e única sobre quem é o verdadeiro monstro em suas narrativas pessoais.

Resgatar o monstro de Frankenstein representa um encontro com a natureza humana mais primitiva e dessocializada. Busca-se não apenas consagrar uma imagem difundida em celebrações de Dia das Bruxas, mas compreender que o monstro criado pela literatura reside em todos. É inerente à natureza humana o desejo de ser amado, a busca por conhecimento, a revolta, a cometição de erros, a tentativa de redimir-se, o sofrimento de desilusões e a continuação da jornada pela sobrevivência, seja em um deserto gelado ou percorrendo o caminho mais profundo, sinuoso e interno em busca de um sentido para existir.

Embora a releitura cinematográfica tenha criado um ser distinto, é importante ressaltar que a literatura anglófona serviu de grande inspiração para que, anos mais tarde, por meio das telas de cinema, o grande público pudesse explorar temas profundos através de distopias trazidas por filmes de terror:

[...] Entre a literatura e o cinema, podemos afirmar que as relações existentes são de inúmeras possibilidades: em determinados momentos o cinema faz uso da literatura, e em outros a literatura se utiliza do cinema. A arte é a que mais se aproxima da literatura. É a literatura que, muitas vezes, realiza a expressão artística através dos recursos estilísticos e literários necessários para passar ao leitor toda a essência e intenção da obra. Assim, a arte cinematográfica vai buscar na arte literária toda a inspiração para retratar não somente fatos históricos, mas também ficcionais. (CRISTÓFANO, 2010, p. 263)

O monstro, tal como conhecido na atualidade e produzido para agradar o grande público, exerceu um impacto duradouro na cultura popular. Sua imagem é inconfundivelmente associada ao terror e ao medo. No entanto, ao revisitar essa representação, evocam-se temas universais e questões contemporâneas, aproximando-a e humanizando-a, permitindo a reflexão sobre as inúmeras questões levantadas por Shelley em sua obra.

Numerosas são as obras inspiradas em Frankenstein. Tim Burton, um diretor mundialmente reconhecido por seu estilo visual gótico moderno, marcante, distinto e um tanto macabro, não esconde sua admiração pela obra de Mary Shelley, tendo representado-a em vários momentos de sua carreira. Da mesma forma que ele, outros artistas também se inspiraram nesse personagem monstruoso e cativante, reproduzindo-o cada qual à sua maneira.

A narrativa de Frankenstein tem sido recriada em diversas mídias e destinada a públicos de faixas etárias distintas. A criatura tornou-se um símbolo do Halloween e possui até uma celebração própria, que não apenas homenageia o monstro, mas também tudo que ele tem representado ao longo de mais de 200 anos. Conforme indicado pelo dicionário digital ficcional da UERJ, a palavra “monstro”, em sua etimologia, deriva do verbo “monere” em latim, significando “lembrar”, “trazer à tona”, “revelar”, “mostrar algo” e “ensinar”. Nesse contexto, compreende-se o papel do monstro nas histórias: revelar, mostrar algo e ensinar. José Gil afirma que a humanidade produz monstros apenas para poder refletir sobre si mesma (2006, p. 53).

Alguns trabalhos de Tim Burton traçam paralelos com a história de Frankenstein de Mary Shelley, como, por exemplo, o filme de 1990 “Edward Mãos de Tesoura”, no qual somos apresentados a uma criatura inacabada com traços humanos e mãos feitas de lâminas de tesoura. Essa criatura é descoberta por uma vendedora de cosméticos e posteriormente integrada à sociedade. Burton se inspira na ambição do criador, que resulta em uma vida de isolamento para a criatura, explorando também o tema da rejeição. Ambos os personagens lutam por sua identidade em um mundo que os enxerga e exclui devido às suas diferenças.

Outro sucesso de Burton é o longa “Frankenweenie” de 2012. Esse filme, repleto de referências ao clássico inglês, a começar pela semelhança no título, conta a história de um menino também chamado Victor, que ressuscita seu cão Sparky por meio de métodos não convencionais de ciência, assemelhando-se ao romance de Shelley. O filme, em preto e branco e inspirado na obra de James Whale, reimagina a história de Frankenstein com uma abordagem característica do universo Burton, adaptada para o público infantil. Conforme a trama se desenrola na tela, é perceptível que em alguns trechos o filme se afasta da mensagem primária de Frankenstein, como afirmam Martins e Duarte (2018). O primeiro destaca temas como abandono, falta de amor e irresponsabilidade, enquanto “Frankenweenie” traz uma mensagem contrária ao ódio, na verdade, promove o amor, demonstrando que só se pode trazer de volta à vida aquele que é profundamente amado.

São diversas as recriações desse personagem célebre, e todas elas transportam consigo uma fusão entre o original e as referências aos monstros representados anteriormente. Um exemplo é o personagem Frank do filme “Hotel Transilvânia” de 2012, no qual as características do monstro de James Whale são reforçadas. Da mesma forma, em “A Família Addams” (1991) dirigido por Barry Sonnenfeld, o personagem “Tropeço” também adota um visual caricato e semelhante. Tim Burton apresenta ainda outra representação em “O Estranho Mundo de Jack” (1990) com a personagem Sally, uma boneca de pano verde montada e costurada pelo cientista “Dr. Flinkenstein”.

Com base no estudo de semiótica social de Van Leeuwen (2005), é possível afirmar que cada forma de recriar Frankenstein é relevante e contribui para a existência de diversas possibilidades de expressar uma mensagem por meio de diferentes formas de representação, ou seja, através de distintos signos. Cinema e literatura são dois sistemas semióticos distintos, e essa distinção está relacionada ao conceito de multimodalidade e ao conjunto de aspectos que o compõem. Esses elementos são de grande importância nos estudos da Semiótica Social, conforme afirmam Lima e Santos:

Na Semiótica Social, o sujeito elabora sua mensagem a partir de sua motivação – ou seja, do seu interesse em um objeto, que o leva a selecionar os critérios a partir dos quais esse objeto é percebido e que se tornam os mais adequados para a representação dele em um dado contexto. Assim, o que é representado não é o objeto como um todo, mas alguns de seus aspectos que se destacaram e foram considerados mais adequados para o autor no momento da elaboração do signo em questão, considerando a disponibilidade de recursos representacionais e a habilidade em elaborá-lo (LIMA; SANTOS, 2009, p. 43).

A relevância de recriar Frankenstein reside no fato de que cada nova abordagem contribui para que diferentes públicos, em momentos distintos, possam se identificar de alguma maneira com o que o monstro e sua narrativa representam. Além disso, é por meio dessas inúmeras recriações que um clássico é perpetuado, sendo modernizado para estabelecer uma espécie de reconhecimento entre a obra e o público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frankenstein é, inegavelmente, uma obra de valor inestimável. O romance contribuiu de inúmeras maneiras para possibilitar a análise de várias nuances e questionamentos. A natureza humana revela-se de uma profundidade e complexidade espetaculares, e retratar partes tão importantes, controversas e, ao mesmo tempo, complementares fez de Mary Shelley uma autora de destaque.

Revisitar temas que diariamente se refletem nessa história agrega valor para aqueles que reconhecem a importância desses assuntos, seja através da literatura ou de outras mídias, pois proporciona uma compreensão de questões atemporais e significativas.

As discussões geradas sobre a aparência da criatura tornam essa reflexão ainda mais interessante quando se atenta para o fato de que o conceito de “monstruoso” foi sendo alterado ao longo dos anos, não necessariamente destacando apenas uma aparência disforme ou grotesca, como a do monstro em questão. Além disso, a reflexão sobre as características intelectuais e emocionais do personagem, assim como as de seu criador, ascende à dualidade presente não somente nesta narrativa, mas também permite identificar esses mesmos conflitos na sociedade atual.

Ademais, tratando da grandiosidade adquirida por essa criatura ao longo dos séculos e das contribuições provenientes das maneiras pelas quais ela foi recriada e representada, muitas vezes desde seu “nascimento”, ressalta a percepção de que este é um mito sobre um mito. Este ser, que absorveu as mudanças, desenvolveu novas características e desempenhou papéis além daqueles para os quais foi criado.

O monstro tornou-se maior que seu criador na história e ultrapassou a mente por trás da criação do livro; ele carrega a essência original, mas recebe de tempos em tempos uma nova identidade. Vive além do romance, para além dos filmes, transformando-se em um mito moderno. Mary Shelley criou um ser a partir do caos, como ela mesma cita no prefácio de 1831, e esse ser transcende, adquirindo uma espécie de autonomia, adaptando-se, seguindo adiante e prosperando, como a própria autora desejou.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos de todo coração ao nosso querido professor e orientador, Douglas Lemos, pela dedicação, carinho e estima com que nos auxiliou durante toda a execução desse trabalho.

Sua expertise, alegria contagiante e leveza foram fundamentais para o sucesso dessa jornada. Obrigada por tudo que nos ensinou e proporcionou.

À Mary Shelley, por abrir esse caminho que nos permite hoje desvendar mistérios e sentimentos que preenchem as lacunas dessa história e à criatura, refletida em tantas faces, por inspirar-nos com suas nuances e tamanha profundidade através dos séculos.

A todos que fizeram parte dessa trajetória, agradecemos por nos permitirem contagiá-los com a paixão e a monstruosidade contida em Frankenstein, e pelo incentivo e interesse em dedicar tempo a entender e participar desse momento tão importante para nós.

Obrigada.

À Geisa; com amor, gratidão e admiração. Obrigada por acreditar em mim.

À Lucimere; exemplo de amor, coragem e perseverança.

Agradeço por tudo que plantou em meu coração.

À Kal-El e Diana; que dão sentido à vida, meu amor infinito.

REFERÊNCIAS

ALEGRETTE, Alessandro Yuri. **Frankenstein**: uma releitura do mito de criação. 2010. 126f. Dissertação (Doutorado) - Curso de Mestrado em Estudos Literários, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2010.

BRANAGH, Kenneth. **Mary Shelley's Frankenstein**. Disponível em: <https://www.eastman.org/mary-shelleys-frankenstein>. Acesso em: 20 nov. 2023.

BRITO, Márcia Xavier de. Introdução. In: SHELLEY, Mary. **Frankenstein**. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2017.

CRISTÓFANO, Sirlene. O diálogo entre cinema e literatura em "Frankenstein". **Raído** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD, v. 4, n. 7, p. 253-265, 2010. Acesso em: 26 out. 2023.

Edward Scissorhands. Direção: Tim Burton. Produção: Walt Disney Pictures, c. 1990. DVD (105 min).

ESSMAN, Scott. **Jack Pierce**: the man behind the monsters. [s.l.]: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2000.

EVERETT COLLECTION. **Posterazzi Frankenstein Movie Poster Masterprint**. Disponível em: <https://www.amazon.com/Posterazzi-EVCM2DFRANEC001-Frankenstein-Poster-Masterprint/dp/B07H4V3SFK>. Acesso em: 20 nov. 2023.

FARIA, Marcella. Frankenstein: a Criadora e a Criatura. **Darandina Revisteletrônica**, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, p. 204–220, 2023. DOI: 10.34019/1983-8379.2023.v16.40430. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/darandina/article/view/40430>. Acesso em: 24 out. 2023.

Frankenweenie. Direção: Tim Burton. Produção: Walt Disney Pictures, c. 2012. DVD (87 min).

Frankenstein. Direção: James Whale. Universal Pictures Corp. Estados Unidos, 1931. Los Angeles: Universal Pictures, 1931. DVD (1h 10 min), P&B.

FRANKENSTEIN de James Whale avec Boris Karloff en 1931. 1931. Disponível em: <https://www.bridgemanimages.com/de/oaartistknown/frankenstein-de-james-whale-avec-boris-karloff-en-1931/nomedium/asset/1732086>. Acesso em: 27 nov. 2023.

GIL, José. **Monstros**. Tradução José Luís Luna. Lisboa: Relógio D'Água, 2006.

GORDON, Charlotte. **Mulheres extraordinárias**: as Criadoras e a criatura (Mary Wollstonecraft e Mary Shelley). Rio de Janeiro: Darkside Books, 2020.

GUIMARÃES, Armando Rui. Mary Shelley: vida e obra. In: ARAÚJO, Alberto Filipe; ALMEIDA, Rogério; BECCARI, Marcos. **O mito de Frankenstein**: imaginário e educação. São Paulo: FEUSP, p. 32-70, 2018. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sib7i.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/213/193/895>. Acesso em: 14 abr. 2023.

HOOBLER, Dorothy and Thomas. **The Monsters**: Mary Shelley and the Course of Frankenstein. New York: Backstreet Bay Books, 2007.

Hotel Transylvania. Direção: Genndy Tartakovsky. Produção: Michelle Murdocca. EUA, Sony Pictures Animation, 2012.

INSÓLITO FICCIONAL. Monstro. In: **Dicionário do Insólito**. Rio de Janeiro: UERJ, 2023. Disponível em: <https://www.insolitoficcional.uerj.br/monstro/>. Acesso em: 27 nov. 2023.

LIMA, Maria Eduarda de Souza Rocha Gouveia. **Um todo de muitas partes**: recriação da personagem Frankenstein em Hotel Transilvânia. 2022. 60f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2022.

MARTINS, Ana Rita; DUARTE, José. Tim Burton e a monstruosidade: uma leitura de Frankenweenie. **Todas as Musas**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 70-81, jan.-jun. 2018. Editora Todas as Musas.

Mary Shelley's Frankenstein. Direção: Kenneth Branagh. Produção: American Zoetrope e TriStar Pictures. Estados Unidos/Inglaterra, Londres: TriStar Pictures, 1994. DVD (2h 3 min), colorido.

NUNES, F. R.; SILVA, F. C. C. da. Frankenstein: a narrativa de Mary Shelley no cinema. **Revista Letras Raras**, v. 8, n. 1, p. 131, 31 mar. 2019. Acesso em: 11 mar. 2023.

PEREIRA, Matheus Almeida Gonçalves. O Corpo Gótico Segundo Frankenstein (1831): Entre a Emotividade e a Monstruosidade. **Revista Extensão**, v. 6, n. 2, p. 7–15, 16 dez. 2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/extensao/article/view/6571>. Acesso em: 14 abr. 2023.

ROBLE, Odilon José; ARAÚJO, Raíssa Guimarães de Souza. Introdução ao Grotresco nas Artes da Cena. **PÓS**: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, Belo Horizonte, p. 148 - 159, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15786>. Acesso em: 19 abr. 2023.

SEYMOUR, Miranda. **Mary Shelley**. London: John Murray, 2000.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein**. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2017.

SHELLEY, Percy Bysshe. On Frankenstein. In: **The Athenaeum**: Journal of Foreign Literature, Science, and the Fine Arts, English and Saturday, November 10, 1832. No. 263, p. 730. Disponível em: <https://knarf.english.upenn.edu/PShelley/frankrev.html>. Acesso em: 19 abr. 2023.

The Addams Family. Direção: Barry Sonnenfeld. Produção: Paramount Pictures, 1991. DVD (1h 39min).

The Nightmare Before Christmas. Direção: Henry Selick. Produção: Touchstone Pictures, c. 1993. DVD (76 min).

VAN LEEUWEN, T. **Introducing Social Semiotics**. Ed. Routledge. NY. 2005.

VASCONCELOS, Sandra. **Prof.ª Dra. Sandra Guardini Vasconcelos (USP) - Concebendo Frankenstein**. São Paulo: Laboratório de Estudos do Romance (USP), 2020. (82 min.), color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JxCxvnS9WmE>. Acesso em: 20 nov. 2023.